



ANUÁRIO
2011-2012

CIEN Brasil

Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança



CIEN

CENTRO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A CRIANÇA

Apresentação

Este é o terceiro Anuário do CIEN-Brasil e é com muita alegria que o apresentamos.

Temos a reunião de vinte e um laboratórios que compõem o CIEN-Brasil e vocês encontrarão o que cada laboratório investiga atualmente. Os laboratórios do CIEN, orientados pela psicanálise, vêm construindo uma experiência ancorada nas conversações interdisciplinares e nas conversações junto às crianças e adolescentes. Eles deixam-se ensinar, destacando a importância de se sustentar o *não saber*, para que cada um possa escutar-se. Esse vazio de saber opera possibilitando a *emergência de um novo saber* e de novas saídas para os impasses nos campos mais diversos como a educação, a saúde, a saúde mental, o direito, entre outros. Muitos dos achados dos laboratórios foram apresentados na II Manhã de Trabalho do CIEN-Brasil – *A disciplina dos*

corpos e suas respostas –, em São Paulo, novembro de 2010. Nesta oportunidade, pudemos verificar como cada saber concebe o corpo, deparamo-nos com exigências de sua normalização nas condutas preventivas, medicamentosas, de correção e/ou punição que tentam silenciar, manipular, calcular e avaliar, impondo obrigações e treinamento.

Os laboratórios demonstraram como as crianças e adolescentes respondem, e como podem criar espaços para acolher o modo de cada um regular seu próprio corpo, possibilitando-lhes um tempo para encontrar seu próprio *jeito e ritmo*, sua maneira de se *virar* e se fazer presente junto ao saber, aos semelhantes e às autoridades.

Revelam, ainda, a possibilidade, junto às diversas disciplinas, de se abrir espaço em cada prática de modo a dar voz ao sujeito - brechas que os laboratórios do CIEN encontram para o

desejo e a palavra da criança, para a sexualidade e suas respostas. Espaços que levam em conta a história de cada um e suas possibilidades de subjetivação.

Vocês encontrarão laboratórios que com suas conversações nos transmitem quais recursos encontram e quais respostas constroem para que a criança e o adolescente não sejam reificados, generalizados, nem tomados como um organismo e seus processos vitais.

Ou evidenciam o quanto a palavra é necessária para humanizar o desejo – daí a importância de se dar lugar à palavra às crianças ditas indisciplinadas, desatentas e agitadas. Ao ser acolhido o que as atenta, ao serem escutadas no que estão enredadas e ao que realmente dão atenção – não ao que lhes é exigido mas ao que não conseguem parar de pensar, tal como o enigma da sexualidade –, elas acabam por encontrar um lugar para sua subjetividade e para seu modo de satisfação, demonstrando-se, assim, como o dispositivo da conversação pode regular algo do pulsional.

Dar oportunidade para se tomar a palavra, dar

lugar e estar atento ao que escapa, ao que excede, ao que não entra nas normas, pode ter como consequência a possibilidade de recolhermos efeitos de sujeito.

Acolher os dejetos é o que J. A. Miller nos propõe como a salvação para os dias de hoje¹. Será a partir daquilo que o sujeito faz com este resto inassimilável que dependerá o laço social. Nossa orientação, portanto, é aquela de caminharmos *não pela via do Ideal*, mas na via que nos leva aos pequenos detalhes que não se encaixam às belas formas. Dizer sim ao que não faz laço, para que cada um possa inserir seu *deplorável* no Outro da linguagem, é o que conversação orientada pelo CIEN se propõe como uma prática de transformação sustentada pelo direito ao *"não como todo mundo"*².

Como podemos levar em conta, nos laços, esse

¹ MILLER, J. A. Le salut par les déchets. In: *Mental: Clinique et pragmatique de la désinsertion en psychanalyse*, n. 24. Clamecy, avril 2010.

² MILLER, J. A. Seminário de Orientação Lacaniana, Coisas de Fineza em Psicanálise, Documento de trabalho para os Seminários de Leitura da EBP, p.19.

húmus e o fato de que não nos curamos da pulsão?

Essa conversação traz ecos neste Anuário, pois produziu frutos tanto nas pesquisas atuais dos laboratórios quanto na criação de novos laboratórios, aqui inscritos compondo a diversidade que é o CIEN no Brasil.

Que a partir das pesquisas e das propostas de trabalho aqui apresentadas possamos continuar a nos reunir em torno do CIEN e seus achados.

Cristiana Pittella de Mattos

*p/ Comissão de Coordenação e Orientação
CIEN-Brasil*

Junho de 2011

Extratos do Relatório da Associação do CIEN¹

“É preciso avançar no campo social, no campo institucional e nos preparar para uma mutação na forma da psicanálise. Sua verdade eterna, seu real trans-histórico não serão modificados por esta mutação. Ao contrário, eles serão salvos, se nós apreendemos a lógica dos tempos modernos.”

Jacques Alain Miller. Le neveu de Lacan, p. 124

Centro Interdisciplinar sobre a Infância

Parece importante reafirmar o objeto do Centro Interdisciplinar sobre a Infância. Este objeto é a psicanálise e se concretiza através da pesquisa, do ensino e da formação. Sua abordagem se especifica pela interdisciplinaridade e por inscrever suas atividades no âmbito do Campo Freudiano, tal como o definiu Jacques Lacan, cujo ensino nos orienta.

Seus meios de ação consistem em favorecer o progresso da pesquisa e ajudar psicanalistas, trabalhadores sociais e da saúde mental, educadores, médicos, juristas e juízes, especialistas das disciplinas das ciências humanas, pesquisadores e estudantes colocando à sua disposição espaços, equipamentos, bibliotecas, serviços.

A interdisciplinaridade

Se a interdisciplinaridade está no coração dos fundamentos do CIEN, ela não deve, no entanto, ser confundida com a pluridisciplinaridade. A interdisciplinaridade, que está no princípio da criação da unidade de base do laboratório, é também o que, partindo da oferta de reunir parceiros de outras

¹ Edição feita com a amável autorização do autor; ver na íntegra: *Rapport moral* du bureau de l'association du CIEN, por Philippe Lacadée - vice-presidente do CIEN, Bordeaux, 3 mar. 2007.

disciplinas, em torno de um tema de pesquisa, lhes dá a oportunidade de encontrar material para se deixarem ensinar pelas experiências e práticas de cada um. O laboratório é assim nosso meio de ação essencial. O traço-de-união de “interdisciplinaridade” ilustra o fato de que o dispositivo do laboratório se estrutura em torno de um lugar deixado vazio, lugar de “saber não saber”², que só existe pela presença do discurso analítico, que não deve ser sustentado pelo psicanalista mas, no melhor, orientado por sua presença real, visando obter o mal-entendido e o passo atravessado, necessários a uma elaboração provocada a vários.

Este lugar vazio é garantido pela circulação, no quadro do laboratório, dos diferentes tipos de discursos reunidos em torno de uma pesquisa, envolvendo justamente certos pontos de impasse desses discursos. Estamos aqui para aprender a partir da disciplina do Outro.

Aqui, a meta é fazer circular o uso destes discursos, tornar viva a língua que os sustenta e saber criar os momentos onde se possa fazer valer a língua ambígua e equívoca, única capaz de fazer circular o uso do sujeito. É este uso dos diferentes discursos que evita cair no “clínico demais” ou na dita “supervisão da prática” ou no “grupo terapêutico”. Se há supervisão, ela se deduz no *après-coup* do processo de conversação interdisciplinar que anima os debates, não perdendo de vista a orientação do laboratório, cujo objetivo de pesquisa foi definido na declaração anual do laboratório, no escritório da Associação.

A conversação interdisciplinar

Assim, o CIEN, cuja prática própria é a da conversação, não pretende promover uma clínica, mas permitir uma conversação entre o discurso analítico e os discursos das outras disciplinas que têm seus mal-dizeres, para encontrar a felicidade de outras palavras, na troca. É este o efeito de trans-formação

² Expressão de Virgínio Baio.

dos laboratórios do CIEN, como testemunham vários dos nossos parceiros, engajados neles. A clínica releva mais da ECF, das escolas da AMP, sem as quais o CIEN não existiria, das Seções Clínicas ou do CEREDA, mas não do CIEN.

A conversação interdisciplinar, além de particularizar o trabalho no laboratório, inaugurou um novo modo de laço social, orientado pela psicanálise, mas permitindo, sobretudo, a muitos dos parceiros encontrados, de entender e medir os efeitos de uma psicanálise além do Édipo, que se orienta pelo real próprio de cada um. Este real só é abordável por um sujeito, a partir do seu dizer e no quadro preciso de uma clínica sob transferência, estabelecida graças à presença de um psicanalista e no quadro de um tratamento particular.

É evidente que a maioria dos laboratórios demonstra nos seus diferentes trabalhos, as conseqüências do último ensino de Lacan, muito atual nessa modernidade irônica³, onde o saber do Outro é posto em questão e provoca efeitos devastadores na maneira pela qual as crianças e os adolescentes enodam seu corpo vivente à língua que eles habitam. É o que demonstram todos os numerosos laboratórios, trabalhando sobre a escola, e também sobre as numerosas instituições de ajudas/tratamento e justiça: todos sensíveis a esta “crise da linguagem” contemporânea, dessa modernidade irônica na qual o CIEN encontra seu lugar, que modifica a maneira como as crianças e os jovens falam e vivem seus corpos.

Esses são os diferentes testemunhos que os laboratórios recebem, quando sabem se fazer destinatários das pessoas a quem se endereçam, quer seja a partir das pesquisas com os educadores, ou em contato direto, a partir da conversação mantida nos diferentes lugares institucionais, onde vivem estas crianças, a fim de receber a transmissão de um saber necessário à sua maturidade⁴.

³ Expressão de Jacques-Alain Miller retomada no texto de Philippe Lacadée: “A modernidade irônica e a Cidade de Deus”, na Revista de La Cause Freudienne, n. 64, originário da conferência apresentada em Belo Horizonte, onde os laços do CIEN foram estreitados.

⁴ Em breve será lançado um livro pelo CRDP em Bordeaux, a partir do trabalho do laboratório “Le pari de la conversation”.

Assim, a unidade do laboratório e sua inscrição no campo social, mais freqüentemente no coração do campo institucional, permite apreender os avanços do CIEN e nos prepara, no melhor, para saber fazer com a mutação dos diferentes discursos, que freqüentemente visam alocar a criança em residências, em impasses dos quais não podem sair senão através de posições cuja parte sintomática, o CIEN revela.

As conversações estabelecidas com essas crianças a partir de seus impasses lhes permitem “nomear uma parte do nome de seus sintomas⁵”. É o que, então, oferece a possibilidade de fazer valer de outra maneira o que pode trazer a uma criança, a entrada num discurso analítico com um psicanalista. O CIEN encontra aí seu justo lugar como o que pode favorecer o estabelecimento das condições para que seja autenticada uma verdadeira demanda da criança, saindo de sua própria palavra, e não mais predicada como medida de controle da parte impossível, que cabe ao próprio sujeito saber nomear. “No CIEN, a resposta está adquirida de tal forma que implica ser permanentemente posta à prova: ela se elabora sob medida nos laboratórios, sempre diferente e diferenciada graças à troca interdisciplinar, sem prejudicar o dizer nem o fazer de cada um. A excelência do princípio sob medida se baseia na sua precisão: ele induz em cada laboratório uma prática paradoxal, de não dispor de outra unidade senão a da unicidade dos sujeitos com quem se engaja a conversação, que tecem múltiplas formações e especializações. Na esfera do Um por Um, ninguém se adapta, cada um é adotado⁶”. Se nós soubermos entender “a lógica dos tempos modernos”⁷, então o CIEN terá feito sua parte para que seja salvo, o que faz o coração da prática psicanalítica, ou seja, o encontro com um psicanalista e a dimensão da transferência.

⁵ Expressão utilizada por Alexandre Stevens, assessor do CIEN, durante uma conversação aberta ao público, ao comentar a brochura do laboratório “Le pari de la conversation”.

⁶ Miller, J. editorial do jornal “Terre du CIEN”, n. 19.

⁷ Miller, J.-A. “Le neveu de Lacan”, p. 142.

A opinião dos laboratórios

Para evitar o “clínico demais”, não se trata de proibir o recurso às vinhetas clínicas, mas de se servir destas vinhetas para que cada um saiba melhor o que fazer com a prática de sua disciplina, o que não impede as referências ao que nos trazem a iluminação da descoberta de Freud e o ensino de Lacan.

A partir de sua unidade, o CIEN soube criar modalidades de conversação em contato direto com o campo social, que releva do ensino, das instituições de tratamento ou de educação, de locais de prevenção, da justiça, etc.

A via do CIEN é a de cuidar sempre da ampliação da conversação com os outros atores sociais, que, freqüentemente, a partir de seus pontos de impasses, demandam encontrar um lugar que os ajude a transformar seus impasses em questões, e, logo após, em objetivos de pesquisas interdisciplinares. Isso torna possível, por exemplo, o estudo de significantes obscuros, que são cada vez mais veiculados no nosso mundo de avaliação e controle, onde o maior risco é de ver desaparecer a importância da palavra, da língua articulada e a dimensão do dizer. É, de fato, esse dizer, aquilo que um sujeito enuncia, que está atualmente em perigo, na medida em que este dizer está cada vez mais desacreditado. E, como precisa Lacan: “não há sujeito senão do dizer⁸”.

Os laboratórios do CIEN são os lugares onde cada disciplina pode testemunhar e fazer valer a dimensão (*dit-mension*) subjetiva e o respeito ao sintoma particular a cada um. Ali onde cada parceiro continua sensível ao sofrimento ou à palavra da criança, mas não tem lugares onde possa falar disso, para saber como fazer sem depois se embulhar nas respostas pré-estabelecidas, válidas para todos e negando a particularidade de cada um, é responsabilidade do CIEN saber criar laboratórios nesse sentido. Pois, se existe uma verdade que se fala, existe uma outra “da qual se sofre”⁹ que não se diz

⁸ Lacan, J. Le Séminaire, livre XVI “D’um Autre à l’autre”, Paris, Seuil, 2006, p. 66.

⁹ Idem, p. 69.

como tal, exceto no dito distúrbio do comportamento ou numa passagem ao ato, mas “que é um fato, ou seja, que recobre um dizer”¹⁰, que só demanda ser escutado. Eis o que nos permite elevar todo distúrbio de conduta ou do comportamento à dignidade de uma pantomima, saindo de um texto que se escreve apesar do sujeito que é seu produto. Cabe-nos, a partir disso, estabelecer as condições de leitura desse texto como demonstram nossas conversações com as crianças.

“Os analistas do campo freudiano nos laboratórios do CIEN, realizam um trabalho – não clínico – mas tendo como tarefa arranjar no mundo contemporâneo – denunciando os entraves que fazem obstáculo e os falsos semblantes que o querem calar – um espaço onde o inconsciente se torne audível. Para isso, o inconsciente deve ter um destinatário.”¹¹

Os laboratórios e “a lógica dos tempos modernos”: a conversação esclarecida frente aos significantes obscuros

Os laboratórios do CIEN são os lugares que participam desse arranjo para que o discurso do inconsciente encontre seu destinatário. Sem fazer clínica, o CIEN tem uma prática que trata “*o social*”¹². Aliás, é importante que as brochuras do CIEN se multipliquem para fazer reconhecer o discurso analítico. Temos como exemplos todos estes significantes obscuros que reduzem os sujeitos a objetos – tais como “hiperativos”, “delinqüentes”, “psicopatas”, etc. Os objetivos de pesquisa devem se preocupar em saber como eles apareceram, quais são os seus propósitos e como responder de outro modo, para além da denúncia. Os objetivos podem ser duplos: encontrar um modo pelo qual o

¹⁰ Idem, p. 69.

¹¹ Comentário de J. Miller durante a reunião dos laboratórios no outono de 2006.

¹² Expressão inventada por Martine Matteudi Gorrech e retomada por Philippe Lacadée no seu livro: “Le malentendu de l’enfant”, Lausanne, Payot Lausanne, 2006.
NT: Contração de “souci” (cuidado, preocupação) com “social”.

CIEN possa responder a estes significantes e reintroduzir a causalidade psíquica, lá onde ela desaparece.

Um dos ensinamentos do CIEN é a arte das conversações nos diferentes lugares onde o CIEN é convidado a fazer pontualmente ou mais regularmente conversações, para permitir mudanças decisivas para algumas crianças em fracasso escolar, ou tomadas por provocações languageiras, ou em momentos de agitação. Essa leveza de intervenção não pode cair na armadilha de tornar-se uma solução terapêutica do tipo dos grupos de fala servindo para todos, mas deve fazer valer o que é a especificidade do CIEN, ou seja, “a aposta da conversação” que faz de modo a que seja favorecida a dimensão do risco da palavra, cujo objetivo é “desamarrar as identificações”¹³ mais ou menos obscuras, algumas das quais petrificam os sujeitos que nós encontramos.

O CIEN tem hoje, mais do que nunca, a tarefa de bem dizer sua inscrição no campo social, pelas implicações cada vez mais numerosas e variadas de seus laboratórios. Ele deverá escolher a forma que adotará para que, uma vez que sejam melhor localizados seus laboratórios, saber se ele pode oferecer aos parceiros de outras disciplinas, a possibilidade de encontrar as instâncias de formação interdisciplinar, lhes permitindo saber fazer melhor na prática das suas disciplinas, para melhor acolher os pontos de sofrimento das crianças e dos jovens, dos quais eles se ocupam no quadro de suas profissões. Uma melhor divulgação implica um rigor ainda maior e um cuidado de pesquisa em todas as disciplinas referentes às crianças, tais como a medicina, a pediatria, a justiça, etc. nem sempre representadas em seus lugares devidos nos nossos laboratórios.

Tradução: Simone Bianchi
Revisão e edição do extrato: Bernadete Carvalho

¹³ Expressão utilizada por Eric Laurent, assessor do CIEN, ao comentar a brochura do CIEN, durante a conversão do II Colóquio do CIEN em Paris.

SUMÁRIO

a-PALAVRAR - MG.....	13
Conexões, psicanálise e educação - MG.....	16
E agora: Pai? - MG	19
Entre as fronteiras das práticas socioeducativas - MG.....	22
Gravidez e adolescência - MG	25
Linguafiada - MG	27
Medidas e responsabilidade - MG	30
Ser mulher, mãe, professora... - MG	33
Trocando uma idéia - MG.....	36
Adolescência e virtualidade - RJ.....	39
A criança entre a mulher e a mãe - RJ	41
Brincante - RJ.....	43
Causar para não segregar - RJ	46
Escola como lugar de vida - RJ	49
A criança e as ficções jurídicas - SP	52
Infância - SP.....	54
A disciplina dos corpos e as manifestações do higienismo na atualidade - SP.....	56
Quanto tempo o tempo tem? - SP	58
Uma educação líquida? - SP	60
Conversando com a Educação - PE.....	62
Guarnicê - MA	66
Normas para inscrição de Laboratórios no CIEN-Brasil.....	68

a-PALAVRAR - MG

1. Nome do laboratório:

“a-PALAVRAR”

2. Local de trabalho do laboratório:

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

3. Campo de investigação:

Partindo da perspectiva do trabalho interdisciplinar – medicina, pedagogia, psicanálise – aproximar-se do impossível da questão sexual, sobretudo quando ela comparece como conteúdo a ser “ensinado” nos ciclos iniciais da escolarização. O desafio surge, todavia maior, quando se “sabe” que grande número do alunado já mantém vida sexual ativa. Reintroduzir a palavra; introduzir a possibilidade de formular a pergunta sobre a sexualidade; alargar a estreita passagem do politicamente correto da “educação sexual” introduzida como matéria curricular devido sobretudo ao crescimento de gravidez na adolescência, e o ratear do sexo para cada um que fala, de modo a que não se reforce o que tanto se quer prevenir, é o que pretende verificar como ‘saber-fazer’ com o impossível, pelo Laboratório. Do marco do “não-educável” que deixará distante, tanto quanto seja possível, o Ideal do saber-fazer, o Laboratório investigará as dificuldades da questão, no campo educativo, como ponto privilegiado para entrever novas respostas, possivelmente mais inventivas.

4. Percurso:

a-PALAVRAR surgiu de uma experiência de conversação com educadores de uma escola da rede municipal da cidade de Belo Horizonte, que buscaram ajuda, via psicanálise, para os impasses que o trabalho cotidiano de ensinar lhes apresentavam – sobretudo impasses trazidos por comportamentos agressivos e de ordem sexual apresentados pelos alunos. À mudez dos educadores, respondia o ato do aluno e, reciprocamente, o inverso. A conversação permitiu efeitos de atenuação de tais respostas imprimindo a direção de pesquisa do Laboratório a-PALAVRAR.

O Laboratório, dentro da formalização de “funcionamento” do CIEN, iniciou-se com suas reuniões regulares, estruturadas e definidas em relação à pesquisa, em fevereiro de 2007.

5. Resultados:

A primeira pesquisa teve duração de dois anos, atuando na mesma escola. Alguns de seus resultados, por meio de vinhetas práticas, foram apresentados em textos publicados e também em relatórios internos do Laboratório. Igualmente a-PALAVRAR aceitou convites de apresentação de sua pesquisa em cursos de pós-graduação, seminários etc., ocasiões que se apresentaram como fomento ao debate das atividades, não apenas do a-PALAVRAR, mas do CIEN.

Impasses:

Em 2010, com sua saída da Escola Municipal Maria das Neves- onde era realizada a pesquisa prática, devido a dificuldades concernidas ao funcionamento da escola, o a-PALAVRAR sofreu uma ruptura de continuidade em suas atividades. Alguns participantes do Laboratório, pedagogos e professores, finalizaram seu trabalho junto ao a-PALAVRAR ocasionando um esvaziamento na interlocução interdisciplinar.

Perspectivas:

a-PALAVRAR realizou algumas intervenções pontuais na Creche Quita Tolentino, situada na favela Cafezal, em 2010. A dificuldade de acesso ao local e a fragilidade da demanda de sua coordenação dificultaram que a experiência se desenvolvesse no sentido de um fortalecimento da transferência ao trabalho e sua continuidade.

A perspectiva de consolidação de nova pesquisa prática, além do revigoramento do interesse pelo trabalho por parte de seus participantes, é a meta do a-PALAVRAR para o ano de 2011.

6. Responsável:

Maria Rita de Oliveira Guimarães

Rua Turibaté, 50/401 - Sion - Belo Horizonte - Minas Gerais

E-mail: mariarita.guimaraes@gmail.com

Telefone: (031) 3223-3388 - (031) 9166-8657

7. Participantes:

Maria Aparecida Farage, psicanalista EBP-MG, AMP, mafarage@terra.com.br; Glaucia Batista, gestora em Saúde Pública, glauciafbster@gmail.com; Susana Teatini, psicóloga do Ministério Público, steatini@hotmail.com; Licinia Paccini, Médica, generalista PSF, licpaccini@terra.com.br; José de Anchieta Correa, filósofo, ex-professor da EFMG, anchietabh@terra.com.br.

Conexões, psicanálise e educação - MG

1. Nome do laboratório:

“Conexões, psicanálise e educação”

2. Local de trabalho do laboratório:

Belo Horizonte, Minas Gerais

3. Campo de investigação:

Problemas de aprendizagem, de comportamento, violência e sexualidade na escola. Mal-estar docente.

4. Percurso:

O Laboratório foi constituído no final do ano de 2007, a partir da demanda das Secretarias Municipais de Educação e de Saúde da Prefeitura de Belo Horizonte feita ao NIPSE, para se propor uma ação junto às escolas avaliadas como as que não funcionavam, visto as diversas dificuldades de seus alunos e outros impasses.

A proposta da Conversação e outras formas de ação para abordar o que não vai bem na escola foram apresentadas aos gestores destas instituições e, desde então, cada escola, uma a uma, e se assim o desejar, convoca o Laboratório. Nestes casos, é feita, inicialmente, uma primeira conversação, que chamamos “diagnóstica”, e em seguida se desenvolve um trabalho com duração limitada. Este trabalho tem sido realizado em escolas públicas, creche e escolas da rede privada.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

O resultado mais notável deste trabalho é a transferência dos professores, educadores, pais e alunos, com a psicanálise. Um dos desafios é manter esta transferência, em detrimento do trabalho individual. Os impasses surgem a todo momento e tentamos explorar sua força inserindo-os no trabalho. A perspectiva é de continuidade: os educadores circulam na rede de ensino e divulgam em outros espaços escolares a experiência do Laboratório, que, ultimamente, tem sido solicitado para intervir sobre questões pontuais.

6. Responsável:

Ana Lydia Santiago

Rua Espírito Santo, 2727/704 - Lourdes - Belo Horizonte - CEP: 30160-032

E-mail: a.lydia@terra.com.br

Telefone: (31) 3282-5603

7. Participantes:

Ana Paula Rodrigues, pedagoga, alfabetizadora; Flavia Helena Carneiro, pedagoga; Gustavo Chaves Batista, psicólogo e consultor em capacitação e formação de professores na área da educação e saúde básica (PSF); Jácia Santos, pedagoga, professora e coordenadora do programa Brasil Alfabetizado; Júnia Lara, psicóloga, coordenadora do curso de psicologia das Faculdades Newton Paiva; Kátia Mariás Pinto, psicanalista, experiência em formação técnica e articulação de rede em medidas socioeducativas para jovens em conflito com a lei; Katia Zachée, psicóloga, coordenadora da central do orientador social voluntário, na Secretaria de Assistência Social da PBH; Luciana Botrel Vilela, estudante de psicologia; Libéria Neves, psicóloga e artista de teatro; Ludmilla Faria Feres, psicanalista, Superintendente das Medidas em Meio Aberto e Semi-liberdade,

da Sub-secretaria de Atendimento Sócio-Educativo (SUASE); Margarete Miranda, psicóloga; Maria Cristina Vidigal, psicanalista; Maria Rachel Botrel, psicanalista; Marlene Machado, pedagoga, alfabetizadora; Paula Pimenta, psicanalista; Renata Dinardi, psicanalista; Renata Nunes, pedagoga; Rita Lima, pedagoga.

E agora: Pai? - MG

1. Nome do laboratório:

“E agora: Pai?”

2. Local de trabalho do laboratório:

Itinerante

3. Campo de investigação:

A “gravidez na adolescência” tem tido incidência cada vez maior com enfoque centrado na função materna, excluindo-se o papel do pai. Existe um senso comum de que os pais adolescentes são irresponsáveis, indiferentes com suas companheiras e filhos. Entretanto, a situação é muito mais complexa do que sugere este estereótipo, não podendo ser generalizada. Torna-se necessário explorar esta complexidade e as pressões impostas aos pais adolescentes.

4. Percurso:

O laboratório “E agora: Pai?” tem como principal campo de investigação a repercussão da paternidade sobre a vida do adolescente, de modo que este evento venha a lhes permitir franquear outras respostas que não somente pela via do ato. Em que medida a gravidez – este “acidente de percurso” – pode ser acolhido por este sujeito de modo a construir algum saber, possibilitando-lhe um lugar e uma função?

Assim nos orientamos a partir das questões: Quais impasses e dificuldades os jovens encontram frente ao ato sexual que teve por conseqüência um chamado simbólico à paternidade? Quais dificuldades encontram para ocuparem este lugar? Este lugar simbólico pode franquear algo na

vida deste jovem? O que os jovens dizem deste senso comum de que eles seriam irresponsáveis frente às conseqüências de seu ato?

5. Resultados, impasses e perspectivas:

Este estudo aponta a relevância que a paternidade pode assumir na estruturação do sujeito no laço social, permitindo orientar projetos sociais, comunitários e de saúde que recomponham a posição da paternidade na gravidez adolescente.

O principal impasse é a invisibilidade da paternidade na adolescência, o que muitas vezes dificulta a possibilidade de intervenção junto aos mesmos.

A perspectiva é que o reconhecimento e legitimação do pai adolescente por meio de instrumentos sociais de sustentação pode ter a função de propiciar um lugar simbólico a esse jovem e assim nomeá-lo pai.

6. Responsável:

Carla Capanema

E-mail: cacapanema@uol.com.br

Telefone: (31) 3285-2171 - (31) 8885-9998

7. Participantes:

Ângela Vorcaro, psicanalista, angelavorcaro@uol.com.br; Daniela Dutra Viola, psicanalista, trabalha com medida socioeducativa de semiliberdade; Francisco Viana, analista de saúde, fviana55.psc@gmail.com; Guilherme Mendonça Del Debbio, psicólogo, trabalha com medida socioeducativa de prestação de serviço à comunidade, guideldebbio@hotmail.com; Joanna Ângelo Ladeira, psicanalista, joanna.a.ladeira@gmail.com; Maria do Carmo Pinheiro, psicóloga,

mcmpinheiro@yahoo.com.br; Maria Nogueira, socióloga, pesquisadora da Escola de Saúde Pública, maria.nogueira@esp.mg.gov.br; Otacílio José Ribeiro, Gestor educacional da E. M. Caio Líbano Soares, jota@larnet.com.br.

Entre as fronteiras das práticas socioeducativas - MG

1. Nome do laboratório:

“Entre as fronteiras das práticas socioeducativas”

2. Local de trabalho do laboratório:

Centro de Referência da Criança e do Adolescente - Espaço Miguilim - Praça da Estação, Belo Horizonte.

3. Campo de investigação:

Estamos orientados pela pesquisa sobre os modos de convivência e o laço social que se apresentam na experiência das crianças e adolescentes que vivem de modo itinerante, entre a rua e a casa e a cidade, em seu território e fronteiras, investigando os embaraços, possibilidades, funcionalidade e limites desse campo aberto ao impossível, que é permeado por ofertas institucionais nomeadas como “socioeducativas”.

4. Percorso:

A construção deste laboratório teve seu início causado pelas discussões sobre a prática socioeducativa, por ocasião do II Encontro Americano. Antes fazíamos um laboratório itinerante entre as varias instituições socioeducativas da cidade até fixarmos nossa conversa com os trabalhadores e adolescentes do Projeto Miguilim.

Com uma proposta de encontro mensal, a conversação tem sido o dispositivo utilizado para cerzir o enlaçamento das diversas questões e situações apresentadas por esse múltiplo que freqüenta nossos encontros interdisciplinares. Temos investigado os elementos comuns que estão presentes

na diversidade destas experiências, as respostas dos adolescentes às ofertas do Outro social, as discórdias das linguagens causadas em diversas situações que incidem sobre os modos de laço social, principalmente quando o real da adolescência exige respostas e as referências não estão em posição de poder servir a essa emergência.

5. Resultados, impasses e perspectivas:

O Laboratório tem tido seus encontros animados pela conversação em torno de situações de impasses e embaraços que atravessam a experiência dos jovens. A conversa faz-se viva quando se orienta a partir do saber do sujeito adolescente, abrindo uma porosidade na exigência absoluta dos significantes mestres que cotidianamente são oferecidos por meio dos discursos, a saber: os discursos jurídicos, pedagógicos, políticos, psicológicos e sociais. O não saber se destaca. Não cessam situações onde a disfuncionalidade real da experiência de cada adolescente interroga o ideal universal de funcionalidade das práticas institucionais. Como abrir nestas práticas situações que possibilitem ao adolescente tomar a palavra?

Como incluir entre as fronteiras das práticas socioeducativas a solução de inserção que cada sujeito é capaz de inventar? E quando a irregularidade se apresenta como modo de laço social? Muitas são as situações e questões que se apresentam entre as fronteiras das práticas socioeducativas.

A conversação tem sido uma orientação a cada situação. 'Caso-a-caso', estamos conversando em torno de questões que interrogam o cotidiano dos jovens nas ruas, com suas famílias e interrogam as intervenções intersetoriais que à eles se dirigem. Orientados pela sua disfuncionalidade, quando o sujeito, diante do real de sua adolescência e da vida na rua, mostra sua causa e seu gosto, nos espaços de convivência entre nós, condição singular de enredar-se na conversa que faz o laço entre nós.

6. Responsável:

Joanna Ângelo Ladeira

E-mail: joanna.a.ladeira@gmail.com

7. Participantes:

Ângela Guerra Monteiro, psicóloga, diretora presidente da PACTO; Alexander, adolescente que frequenta o projeto Miguilim; Alice Ribeiro, psicóloga integrante da equipe CATU/PAIPJ; Arnaldo Godoy, vereador da cidade de Belo Horizonte; Cláudio, artista plástico, CRCA - Projeto Miguilim; Danilo Bianco, pedagogo, coordenador do CRCA - Projeto Miguilim; Débora Matoso, psicóloga, integrante da equipe CATU/PAIPJ; Michele Duarte, psicóloga, Diretora do Fica Vivo!; Tatiana Goulart, psicóloga; Barbara Ferreira, psicóloga, consultório de rua da PBH; Guilherme Del Débbio, psicólogo, Liberdade Assistida; Fabrício Ribeiro, psicólogo, professor universitário; Fernanda Otoni de Barros, fernanda.otoni@terra.com.br; Psicanalista/EBP-AMP; Joanna Ângelo Ladeira, joanna.angelo@yahoo.com.br, Psicóloga, técnica do Programa; Maira Cristina Soares Freitas, mairafreitas@yahoo.com.br, Psicóloga; Marisa Renna de Vitta, rennavitta@yahoo.com.br, Psicóloga - Freud Cidadão; Paula Gonçalves, artista plástico, CRCA - Projeto Miguilim; Pedro, adolescente, CRCA Projeto Miguilim; Rafael, adolescente, CRCA, projeto Miguilim; Renata Lucindo Mendonça renatalucindopsi@yahoo.com.br, Psicóloga - ONG Manjedoura Rosana Ferreira de Amorim, rosebaby_bh@hotmail.com, Adolescente - Centro de Reeducação Social São Jerônimo; Wesley, adolescente, CRCA, Projeto Miguilim.

Gravidez e adolescência - MG

1. Nome do laboratório:

“Gravidez e adolescência”

2. Local de trabalho do laboratório:

ONG Manjedoura - Av. dos Andradas 2287, sala 1301 - Belo Horizonte

3. Campo de investigação:

Investigar como se dá a gravidez no mundo da inexistência do Outro, a que uma gravidez responde ou trata; e se esta seria uma das marcas da adolescência.

Oferecer um lugar às adolescentes grávidas, um lugar onde elas possam dizer das suas questões. Lacadée (1999-2000) “esclarece o objetivo central dos laboratórios: ‘oferta da palavra’, ali seria um lugar em que se poderia falar.”¹⁴ Que ali elas possam dizer dos mitos, da dor, da surpresa, da espera, da pressa, do desejo...

4. Percurso:

A ONG nasce com o intuito de “assistir e orientar gestantes carentes, que enfrentem dificuldades para sustentar a gravidez” e o objetivo “é desenvolver uma intervenção precoce que promova a

¹⁴ MIRANDA, M. P., VASCONCELOS, R. N., SANTIAGO, A. L. Pesquisa em psicanálise e educação: a conversação como metodologia de pesquisa. In: PSICANALISE, EDUCACAO E TRANSMISSAO, 6., 2006, São Paulo. Anais online... Disponível em <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032006000100060&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 26 maio. 2011.

saúde da criança, fortalecendo a relação Mãe-Bebê” e “a importância da amamentação e o planejamento familiar”.

As conversações surgiram como um espaço que fosse aberto para acolher as jovens para além do que a instituição propõe acima. Um lugar para o aparecimento do inusitado, podendo favorecer a cada um que ali participa, a cada jovem, uma nova posição, um deslocamento das certezas e identificações fixas muitas vezes alienantes e mortificantes.

5. Responsável:

Renata Lucindo Mendonça

E-mail: renatalucindopsi@yahoo.com.br

Telefone: (31) 9812-2752

6. Participantes:

Ângela Arruda, advogada, angelaaperes@hotmail.com; Joanna Ângelo, psicóloga, joanna.a.ladeira@gmail.com; Nirlei Rosa, secretária, nirleirosa@gmail.com; Tatiana Goulart, psicóloga, tatianagoulart27@gmail.com.

Linguafiada - MG

1. Nome do laboratório:

“Linguafiada”

2. Local de trabalho do laboratório:

Escolas Municipais de Belo Horizonte

3. Campo de investigação:

Atualmente as crianças encontram-se compelidas a hábitos de linguagem em que predominam o insulto e a provocação para abordar as coisas do corpo, do sexo e do amor. Esse hábito testemunha um laço desditoso do corpo vivente com a língua, cujos efeitos de devastação são cada vez menos discretos nas escolas e nas famílias. Professores e pais já não sabem como transmitir as ferramentas simbólicas e imaginárias para enfrentar as vicissitudes do amor, do trabalho, do sexo e da morte. A convivência não se faz mais sob o signo da tolerância e do respeito às diferenças, e praticas cada vez mais segregativas são instituídas sob as vestes das chamadas medidas socioeducativas. Investigamos a perda do gosto pelas palavras que tem sido prevalente entre crianças na vida escolar. Interessa-nos pesquisar e instalar meios para reanimar e recolocar em cena o gosto pela palavra que comunica, pois a precariedade desse gosto implicou num laço perigoso das crianças com o Outro.

4. Percurso:

O Linguafiada se iniciou (2007) como um projeto de extensão universitária - elaborado e coordenado pela psicanalista Marina Caldas Teixeira – que atuava nas escolas municipais da rede

pública de ensino fundamental vinculadas ao programa Escola Integrada da Prefeitura de Belo Horizonte. Em 2008, foi criado o laboratório Linguafiada que reuniu outras disciplinas e introduziu a prática das conversações diante dos impasses recolhidos na experiência extensionista. Atualmente, o Linguafiada pratica conversações em dez escolas municipais de Belo Horizonte junto a crianças entre oito e 11 anos e junto aos professores dessas escolas.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

A medida-poética fornece a bússola que melhor orienta crianças na escolha de um caminho que tem coração. Sob a intervenção dessa medida, o sujeito se decide pelo uso da palavra que derruba muralhas (internas e externas), se valendo da potência do humor e da poesia para conquistar um lugar e se inserir no mundo de forma viva e pulsante. Em nossas conversações, sustentamos o convite dirigido a cada criança para brincar de poesia no ponto mesmo onde reverbera o encontro traumático com o real que faz furo no saber. No ensejo de aprender novas palavras e tornar outras mais belas, cada um tem a chance de inventar seu lugar no mundo, pois a palavra poética desvia a linguagem de seu curso habitual propondo outros cursos, entrecursos, intercursos. Ao perceber estes recursos, a pessoa pode também desviar seu pensamento. As conversações realizadas no Linguafiada têm permitido produzir mutações nos discursos de controle socioeducativo que freqüentemente só conseguem enquadrar a criança nos impasses dos quais elas não podem sair. O Linguafiada se faz destinatário das crianças as quais se endereça nas escolas municipais e, no ensejo de despertar uma *linguafiada*, às vezes presenciamos o nascimento de um malabar das palavras: crianças que eram chamadas de “boca-de-sapo”, “pequenos delinqüentes”, são agora designadas por seus nomes próprios e algumas até reconhecidas como artesãos da palavra-poética. O Linguafiada invariavelmente propõe um tempo de convivência com a palavra poética na perspectiva de introduzir balizas simbólicas no pior e reconfigurar a convivência entre meninos e meninas e entre crianças e professores. A questão quase sempre é a de como forçar essa intromissão de modo que advenham invenções mais poéticas para tratar aquilo que arrepiam os

corpos, obseda o pensamento e atordoa os sentidos. Desde aí, meninos, meninas e professores terminam por serem envolvidos em uma prosa poética recheada de lirismo, galanteios e muito humor. A perspectiva do Linguafiada é de que a medida poética provoca extraordinárias metamorfoses: diante do estado de urgência provocado pelo excedente de sensualidade, crianças desabonadas da palavra que comunica passam ao ato em modos subjugados pela vulgaridade do gesto e pela ausência de palavras. A oferta de uma linguafiada funciona como uma mão estendida por uma fenda que, por detrás da muralha do acontecimento, resgata os restos e recompõe os sujeitos, tornando-os capazes de inventar o próprio sintoma para dele se servir nos caminhos e descaminhos da vida.

6. Responsável:

Marina Caldas Teixeira - psicanalista, doutoranda em psicanálise

E-mail: mcaldas@uai.com.br

7. Integrantes:

Cristina Leite, socióloga, professora; Leo Cunha, escritor, poeta, jornalista, professor; Letícia Teixeira, fonoaudióloga, professora; Maria José Caldas Teixeira, pedagoga; Mario Alex Rosa, escritor, poeta, professor; Monica Barros, antropóloga, professora; Solange Campos, professora de literatura infanto-juvenil.

Medidas e responsabilidade - MG

1. Nome do laboratório:

“Medidas e responsabilidade”

2. Local de trabalho do laboratório:

Vara de Atos Infracionais da Infância e Juventude de Belo Horizonte

3. Campo de investigação:

Adolescentes em conflito com a lei, seus familiares, trabalho com crianças e adolescentes dentro da concepção do “Melhor Interesse da Criança” e as contribuições da psicanálise dentro desse campo.

4. Percurso:

Iniciamos laboratório a partir de trabalhos cujo tema da responsabilidade foi investigado por meio de vários filmes, textos, livros e vinhetas práticas articuladas à Vara de Atos Infracionais da Infância e Juventude assim como à Vara da Família. Trabalhamos e discutimos mudanças na atual legislação e seus efeitos junto às crianças e adolescentes. O tema ampliou-se: estamos investigando também a responsabilidade dos pais, as medidas socioeducativas em meio fechado e os efeitos da segregação.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

O resultado principal tem sido a sustentação de um espaço, a partir do qual a lida no dia a dia com esses adolescentes e crianças ganha mais perspectivas de intervenções orientadas pela ética do bem-dizer e pelo “Melhor Interesse da Criança”.

Verificamos a necessidade de intervenções no campo não só do adolescente mas também da família, para que o cumprimento da medida socioeducativa produza algo novo no campo do sujeito e do Outro.

Perguntamos como as intervenções do juiz, do técnico judiciário, do técnico da prefeitura incidem em cada caso e em 2010 algumas vinhetas trouxeram a problemática da psicose, tendo sido muito rica a interlocução com o campo do direito e os esclarecimentos jurídicos sobre a inimputabilidade para o adolescente em relação ao adulto e com profissionais da saúde mental para se pensar, a partir destas discussões interdisciplinares, saídas singulares. A questão da toxicomania e da passagem ao ato também estão presentes nestas discussões. Nos casos de violência, temos trabalhado o tema do “depoimento sem dano”.

Neste ano de 2011, continuamos as conversas com os profissionais da saúde mental e a “medida” possível – protetiva, socioeducativa e “outras” –, em cada caso.

A perspectiva é continuarmos a nos reunir uma vez por mês, alguns meses nos encontrarmos de 15 em 15 dias.

6. Responsável:

Cristina Sandra Pinelli Nogueira - Vara Infração da Infância e Juventude de Belo Horizonte

Rua Rio Grande do Sul, 604/2º andar - Barro Preto - Belo Horizonte

E-mail: cristina.pinelli@hotmail.com

Telefones: (31) 3275-3292/ramal 228 (tarde) - (31) 3295-5768 (consultório)

7. Participantes:

Cristiana Pittella de Mattos, psicanalista, critianapittella@yahoo.com; Dr. José Honório de Rezende, Juiz de Direito, jose-honorio@uol.com.br; Célio Garcia, psicanalista, celiogar.bh@terra.com.br; Alda Cristina Duarte, assistente social, psicóloga; Clarisse Alves Pires, assistente social, clarissealv@hotmail.com; Edméia Maria Nogueira Toledo de Souza, psicanalista, edmeiamn@hotmail.com; Elisandra, psicóloga trabalha na AMAS, elisandrapsi@hotmail.com; Luciana, psicóloga do Criança Esperança, psilucy@yahoo.com.br; Mônica Pilar, psicóloga, mpilars@terra.com.br; Patrícia Rocha Lustosa, psicóloga, doutorando em sociologia, pulstosa@yahoo.com; Monica Campos Silva, psicanalista, ggam4@yahoo.com.br; Rose, assistente social PBH; Selma Braga Salzgeber, assistente social judicial, ssalzberger@uol.com.br; Simone Pinheiro, psicóloga, trabalha na AMAS, simonepinheiro23@gmail.com; Simone, psicóloga da PBH, medidas socioeducativas, simonepsicol@hotmail.com.

Ser mulher, mãe, professora... - MG

1. Nome do laboratório:

“Ser mulher, mãe, professora...”

2. Local de trabalho do laboratório:

Belo Horizonte e Ouro Preto

3. Campo de investigação:

O foco prioritário do Laboratório é o adoecimento mental de mulheres-professoras e as saídas que estas encontram para lidar com o mal-estar docente. A pesquisa se compõe de dados quantitativos por meio de uma metodologia comparativa e um viés qualitativo a partir da metodologia da Conversação.

4. Percurso:

A pesquisa de mestrado concluída em 1997, de autoria de Margareth Diniz, acerca do adoecimento mental de mulheres-professoras aponta como conclusão que os problemas apresentados por elas extrapolavam a sala de aula e a sua relação com os alunos, pois ao serem perguntadas sobre os motivos que ocasionaram o seu desvio de função, elas traziam à tona cenas que eram um somatório de sua vida de mulher-mãe-professora, evidenciando o componente subjetivo e inseparável desses lugares que ocupavam.

A pesquisa de doutorado deu continuidade à discussão pelo viés das saídas que as mulheres-professoras encontram para não adoecer – aí o que se coloca em questão é a sua relação com o saber. A partir dos destinos pulsionais de um sujeito com o saber: inibição, compulsão ou

sublimação, cada mulher-professora tece seu estilo de ser professora tendo assim a possibilidade de inventar a saúde.

A pesquisa acerca do adoecimento mental foi atualizada em 2008 e desdobrou-se em dados quantitativos, por meio de uma metodologia comparativa, e em um viés qualitativo, pela metodologia da Conversação no Laboratório “Ser mulher, mãe, professora...”. Em 2008, foram convidadas 10 professoras e a frequência flutuou entre sete e 10 participantes em oito encontros realizados em Belo Horizonte.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

Não parece ser possível dissociar os projetos que circundam a vida dessas mulheres: casar, ser mãe e ser professora. Culturalmente, essa perspectiva está colocada, havendo uma expectativa, por parte da mulher e também da sociedade, de que essa perspectiva se concretize. Na pesquisa e no Laboratório pareceu que, ao surgir uma falha em qualquer um desses projetos de vida, a saída poderia ser o “enlouquecimento”, ainda que histórico.

Com as alterações sociais em curso principalmente na segunda metade do século XX, há uma mudança nos modos de conceber e viver a sexualidade, assim como nos modos de conceber e vivenciar a maternidade e a paternidade, bem como as identidades e as diferenças subjetivas. Também os filhos saíram do lugar de puro objeto para ocuparem definitivamente o lugar de sujeito; assim como os filhos em casa, também os alunos na escola vêm se deslocando rapidamente daqueles lugares estáticos, o que tem deixado o adulto em situações embaraçosas... São estes os impasses que impactam a vida e a saúde de mulheres-professoras. Para 2009, estamos organizando um grupo em BH e um em Ouro Preto, local de trabalho atual da coordenadora.

6. Responsável:

Margareth Diniz

Rua Fernandes Tourinho, 735/sala 705 - Lourdes - Belo Horizonte - CEP. 30330-112

E-mail: diniz-margareth@yahoo.com.br

7. Participantes:

Professoras do ensino fundamental.

Trocando uma idéia - MG

1. Nome do laboratório:

“Trocando uma idéia”.

2. Local de trabalho do laboratório:

Aglomerado Santa Lúcia e UFMG, Belo Horizonte.

3. Campo de investigação:

O laço social do jovem atravessado pela criminalidade, em especial o tráfico de drogas, nos aglomerados urbanos de Belo Horizonte, e o pai, enquanto medida e aparato para vetorização de sua posição desejante, face ao gozo.

4. Percurso:

O laboratório formaliza-se em 2011, a partir de uma investigação em torno do laço social e modos de ocupação simbólica do território dos aglomerados e dos afetos por jovens atravessados, de alguma maneira, pela criminalidade e, em especial, pela ‘atividade’ junto ao tráfico. Em pesquisa iniciada em 2008, conversamos com jovens do Aglomerado Cabana do Pai Tomás, ora nas oficinas do Programa de Controle de Homicídios Fica Vivo! (SEDS/MG), ora em suas casas e ruas, interrogando seu estilo de habitação do corpo, do afeto, do espaço comunitário e urbano, e do laço com o Outro. Num diagrama complexo, identificamos que o pai, enquanto função, metáfora e homem, ocupava uma posição estratégica na conformação da resposta que os jovens nos ofereciam. Iniciamos, então, no Aglomerado Santa Lúcia, uma série de conversações com outros jovens em 2010, colocando em questão o pai. Escolhemos três regiões, estrategicamente

divididas pela 'guerra' que os articula, para nelas iniciar as conversações com quem se interessar por nos dizer algo. Atualmente, além das conversas com os jovens, também nos reunimos todas as sextas-feiras, das 10h30 às 12h00, na UFMG, para falarmos sobre as conversações. Realizamos, ainda, encontros abertos e fechados bimensalmente com *experts* relacionados ao tema.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

O pai tem se mostrado um significante que permite retornar à teoria psicanalítica mas, sobretudo, suspender juízos prévios e identificações já estabelecidas. Assim, ora o pai ausente que abandona o filho aparece como eixo na família de um líder comunitário, enquanto o pai do chefe do tráfico local, ao contrário, casado há 35 anos com a mesma esposa, comparece como aquele que não ofereceu uma palavra ao filho, apesar de sua presença permanente na casa. Em outra vertente, ao se fazerem pais, os jovens, eles próprios, interrogam sua posição no mundo, no tráfico, no uso de drogas ou na sustentação de uma posição agressiva, em outras palavras, na manutenção de um gozo disjunto do desejo. Aparecem, então, como sujeitos divididos, angustiados, sem a certeza do ato, dando lugar à palavra. O que se apresentou como principal impasse – o cinismo, a mentira ou a identificação rígida a um discurso instituído – tem se oferecido como a principal via de produção de uma verdade possível desses sujeitos com quem conversamos. Essa verdade se revela em chistes, atos falhos, denúncias da presença do inconsciente. A principal perspectiva, que hoje nos orienta, é a de que, se eles nos procuram, é porque o corpo não é suficiente para construir uma resposta, há uma palavra em jogo. É possível, no amplo sentido da expressão, “trocar uma idéia” por outras.

6. Responsáveis:

Andréa Máris Campos Guerra

Av. Contorno, 5351, sala 701 - Belo Horizonte

E-mail: aguerra@uai.com.br

Telefone: (31) 8489-4548

Cristiane de Freitas Cunha

E-mail: cristianedefreitascunha@gmail.com

Telefone: (31) 8797-2046

7. Participantes:

Andréa Máris Campos Guerra, aguerra@uai.com.br; Cristiane de Freitas Cunha, cristianedefreitascunha@gmail.com; Aída Dellareti, aida_ntx@yahoo.com.br; Aline Souza Martins, alinesouza.martins@gmail.com; Ana Paula, anap_bh@hotmail.com; Ângela Guerra, aneguerra@uol.com.br; Camila Alvarenga, ca.alvarenga@terra.com.br; Camila Noberto Alves, camila_noberta@hotmail.com; Cláudia Costa Neves, claudia.costa.neves@gmail.com; Fábio dos Santos Bispo, fabio.siloe@gmail.com; Joanna Ângelo Ladeira, joanna.a.ladeira@gmail.com; Luiz Gustavo Canuto, luiz.g.canuto@gmail.com; Marcelo Fonseca Gomes de Souza, marcelofgsouza@gmail.com; Mariana Vidigal, marianafvidigal@yahoo.com.br; Maria do Carmo de Melo Pinheiro, mcmpinheiro@yahoo.com.br; Michele Duarte Silva, micheleduartesilva@yahoo.com.b; Monica Campos Silva, monicamposilva@hotmail.com; Nicole Cortes Lagazzi, nicole.ncl@hotmail.com; Rafael Rocha, rocha@riseup.net.

Adolescência e virtualidade - RJ

1. Nome do laboratório:

“Adolescência e virtualidade”

2. Local de trabalho do laboratório:

Rio de Janeiro - RJ

3. Campo de investigação:

O trabalho do laboratório começou com a questão do fracasso escolar dos jovens, no ensino tradicional e no ensino à distância (EAD), interrogando as questões que afetam o desejo de saber, a autoridade do professor, o estatuto da relação aluno-professor. Seguiremos a pesquisa sobre o uso da virtualidade pelos adolescentes.

Continuaremos utilizando vinhetas, parte teórica e o próprio dispositivo de conversação na elucidação e no avanço da pesquisa.

4. Percurso:

O laboratório apresentou trabalho na IV Jornada Internacional do CIEN - A pressa em *responder*, sob o título “Quando o fracasso escolar é uma antecipação do momento de concluir” e posteriormente na II Manhã de Trabalho do CIEN-Brasil, sob o título “O corpo na relação mestre-aluno no EAD”.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

Com o avanço da pesquisa, a questão da ausência do corpo físico do professor e do aluno no EAD, foi pensada como uma consequência das exigências da contemporaneidade. O corpo do mestre não é mais o mesmo na época que o Outro não existe.

6. Responsável:

Simone Bianchi

E-mail: sincarocho@hotmail.com

Telefone: (21) 9994-6475

7. Participantes:

Cristina Monteiro Barbosa, psicóloga, Professora da UFRJ e UNI-RIO, monteiro.cristina@yahoo.com.br; José Alberto Affonso Ferreira, psicanalista, josealbertoferreira@globocom.com; Lígia Silva Leite, pedagoga, Professora da UERJ, ligialeite@terra.com.br; Sandra Santos, psicóloga, sandrucha@gmail.com; Simone Bianchi, psicanalista, sincarocho@hotmail.com.

A criança entre a mulher e a mãe - RJ

1. Nome do laboratório:

“A criança entre a mulher e a mãe”

2. Local de trabalho do laboratório:

Hospital Maternidade Fernando Magalhães (RJ), referência em casos de alto risco.

3. Campo de investigação:

As relações entre sexualidade feminina, maternidade, paternidade, infância, adolescência, a família e as ficções hipermodernas, que envolvem temas como toxicomania, violência, prostituição e adoção.

4. Percurso:

O Laboratório se organizou no final de 2009 e as conversações iniciaram-se em janeiro de 2010. A livre apresentação de casos desvela temas que oscilam entre questões institucionais e o lugar de cada profissional. Cada caso remete a outro e notamos uma correlação entre as exigências do hospital (como a questão da amamentação) e os impasses encontrados na prática.

5. Resultados:

Deste o primeiro encontro, retorna a questão da impotência e da impossibilidade que surgem nas situações da rotina, cuja diferença tem se apresentado como o efeito mais consistente das conversações. Em relação às mesmas, acreditamos que o maior impasse se deve ao fato de que o desconhecimento desta prática em instituições como a maternidade, cause estranheza - e até

mesmo resistência - à participação por parte da equipe. Muitas vezes nosso trabalho visa esclarecer a proposta.

6. Responsável:

Ana Martha Wilson Maia

Rua Visconde de Pirajá, 259, sala 701 - Ipanema - Rio de Janeiro

E-mail: anamarthamaia@hotmail.com

Telefone: (21) 2227-4087 - (21) 9197-6351

7. Participantes:

Jamille Lima, psicanalista, jamilleml@yahoo.com.br; Giselle Fleury, psicanalista, giselle.fleury@ig.com.br; Simone de Avolio Espindola, psicóloga/psicanalista, Coordenadora do Serviço de Saúde Mental HMFm, simone_avolio@yahoo.com.br; Mônica Ferreira dos Santos, enfermeira HMFm, enfamonic@gmail.com; Maria Bernadete Dabul, assistente Social HMFm, bchalitadabul@yahoo.com.br; Marise dos Passos Pereira, pediatra HMFm, marise.pereira@gmail.com.

Brincante - RJ

1. Nome do laboratório:

“Brincante”

2. Local de trabalho do laboratório:

Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira - IPPMG/UFRJ e Escola de Educação Física e Desportos - EEFD/UFRJ.

3. Campo de investigação:

O brincar como tratamento possível ao mal-estar inerente ao tratamento do câncer e ao ambiente hospitalar.

4. Percurso:

Desde 2006, investiga-se a transformação que o brincar opera no ambiente hospitalar, por meio de quatro oficinas, realizadas na sala de espera dos ambulatórios do hospital pediátrico da UFRJ. Em 2008, inicia-se uma pesquisa-intervenção, realizada prioritariamente na sala de quimioterapia, Aquário Carioca, e, a partir de 2009, também nas enfermarias. Atualmente, o trabalho se estende às crianças com câncer que se encontram no CTI.

5. Resultados:

Dos relatórios realizados, a cada encontro com as crianças, são recolhidos dados para pesquisa através da análise do conteúdo sobre o brincar das mesmas. São verificadas:

- as repetições de temas e materiais que indicam formas de simbolizar a dor psíquica;

- no estudo de casos, é possível identificar mudanças ocorridas no comportamento da criança frente ao espaço hospitalar e a própria doença. Observa-se uma maior adesão ao tratamento a partir da intervenção Brincante;
- o relato dos adultos, que lidam com as crianças envolvidas no projeto, indica mudanças nas mesmas e estas as relacionam com sua participação no Brincante.

Uma avaliação geral e mais abrangente é sempre realizada no final de cada doze meses, pelas entrevistas e conversação.

Alguns resultados vêm sendo apresentados, em Congressos, Jornadas Científicas e publicações acadêmicas, além de uma monografia em 2008 e uma dissertação de mestrado defendida no Instituto de Psicologia em 2009.

No ano de 2010 o Laboratório Brincante atendeu no IPPMG a:

- 666 crianças nas oficinas da sala de espera dos ambulatórios
- 67 crianças na quimioteca Aquário Carioca
- 29 crianças na enfermaria da hematologia

Impasses: Os maiores impasses ocorrem na interseção das disciplinas psicanálise, educação física e psicologia. Nas conversações, aparecem as dificuldades de suportar os vínculos transferenciais, de não encarnar o progenitor, quando este tem uma atitude hostil ou de abandono com a criança enferma.

Perspectivas: O laboratório Brincante, por se apoiar em um projeto de extensão e pesquisa dentro da universidade e ter sua prática em um hospital pediátrico, não tem término previsto, mas fatias de trabalho que se reiniciam a cada momento.

6. Responsável:

Ruth Helena Pinto Cohen

E-mail: ruthcohen@uol.com.br

Telefone: (21) 2511-0272

7. Participantes:

Aline Mary Cohen, designer e especialista em educação infantil, alinemary.cohen@gmail.com; Andressa Pedro Mathieu, professora de educação física, andressa_mathieu@yahoo.com.br; Amanda Gonçalves da Silva Melo, psicóloga, amandagsmelo@gmail.com; Ana Gabriela Cruz Araújo dos Santos, psicóloga, agcas16@gmail.com; Augusto Cesar Mendonça de Brito, professor de educação física, augusto.brito@ufrj.br; Erickson Fernandes Borges, professor de educação física, sion_1985@hotmail.com; Jacira Casciano da Costa, professora de educação física, jacira_oceano@hotmail.com; Luiza Azevedo Marcondes Rodrigues, psicóloga, luiza.amr@gmail.com; Márcia Fajardo de Faria, professora de educação física, marciaff1@yahoo.com.br; Márcia Regina Lima Costa, psicóloga, psimare@ig.com.br; Marta Ballesteiro Pereira Tomaz, professora de educação física, maballto@yahoo.com.br; Ruth Helena Pinto Cohen, AP-EBP, ruthcohen@uol.com.br; Alunos da EEFD/UFRJ: 24 alunos não listados.

Causar para não segregar - RJ

1. Nome do laboratório

“Causar para não segregar”

2. Local de trabalho do laboratório:

Núcleo do grupo cultural AfroReggae na comunidade do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, situado no CIEP João Goulart, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

3. Campo de investigação:

O campo de investigação que nos norteia se situa no ponto de articulação entre as chamadas urgências subjetivas e os processos de segregação.

4. Percurso:

Com uma proposta de encontros mensais, a construção desse laboratório teve início em fevereiro de 2007. Temos buscado dar valor aos achados de cada um na contingência de cada situação, sem pretender universalizá-los para apoiar, aí, a integração da equipe. Integração que, pela própria fratura do grupo frente à precariedade dos significantes identificatórios que constituem sua unidade, resiste à dimensão da causa e da singularidade, tornando a tomada da palavra uma acirrada disputa em torno de quem tem razão.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

Em 2008, concluímos o ano, com um trabalho endereçado à I Manhã de Trabalho do CIEN-Brasil, ocorrida no Rio de Janeiro. Neste trabalho, foi possível situar três tempos no percurso de

constituição do laboratório que levou a um novo uso da fala. Tornou-se possível falar a partir de sua questão, de suas dificuldades sem se sentir vulnerável ao ataque do Outro. Com isso se colocou a questão de uma elaboração coletiva a respeito de novas formas de manejo na relação com as crianças e os adolescentes, que necessitou a abertura de um espaço fora das reuniões institucionais. Esse momento exigiu um investimento a mais, visando a criação de um novo espaço diferente daquele inicial que coincidia com a rotina institucional. Esse passo não se deu. O trabalho ficou suspenso. Podemos supor, aí, um tempo de latência, momento para compreender, de onde pode surgir nova demanda, que já se anuncia. Aguardamos.

6. Responsáveis:

Maria do Rosário Collier do R. Barros

E-mail: collier@terra.com.br

Telefone: (21) 2579-0045

Maria Cristina Bezerril Fernandes

E-mail: crisbezerril@uol.com.br

Telefone: (21) 9441-7939

Ana Tereza Groisman

E-mail: anatfg@gmail.com

Telefone: (21) 9896-7022

7. Participantes:

Aline Capparelli, assistente social; Bóris Trindade, coordenador; Camila, administrativo; Cíntia Duarte, administrativo; Débora Guimarães, pedagogia; Emerson Nunes, instrutor circo; Gilvan Gomes, coordenador circo; Graziele, limpeza; Henrique, administrativo; Lúcio, instrutor hip-hop; Sandra, alimentação; Sharon Will, psicóloga; Tatiane Curi, psicóloga.

Escola como lugar de vida - RJ

1. Nome do laboratório:

“Escola como lugar de vida”

2. Local de trabalho do laboratório:

Escolas da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro

3. Campo de Investigação:

Psicanálise e Educação: “Como o excesso pulsional que surge como resto, pode ser acolhido a favor do laço social”?

4. Impasses:

Convivendo diariamente com uma realidade de violência social, carências de diversas ordens, saberes preestabelecidos e uma desmotivação crescente tanto dos professores e demais profissionais da rede, como dos alunos (crianças e adolescentes), este grupo vem discutindo como lidar com este mal-estar, pensando qual seria a particularidade desta civilização e como as equipes podem fazer diferença.

Não se trata de produzir um saber, mas conseguir fazer funcionar o não sabido e afirmado nas certezas, desesperanças e nas impossibilidades.

5. Perspectivas:

De que modo? Fazendo acolher o que se mostra enigmático, o que é mal entendido, o sem sentido de alguns atos.

Não seria este o movimento para vida, projeto de Freud com relação à escola?

Neste sentido, nossa proposta de trabalho em laboratórios, se daria pela via das conversações, visando resgatar o valor da palavra para além do que é dito, tentando aproximar cada sujeito do que lhe é mais genuíno e próprio, ou seja, sua causa de desejo.

6. Responsável:

Andréa Araujo Martinelli

E-mail: andrea_2h@hotmail.com

Telefone: (21) 9723-5771

Astrea da Gama e Silva

E-mail: astrea@iis.com.br

Telefone: (21) 9116-1068

7. Participantes:

Maria do Rosário Collier do Rego Barros, psicanalista, collier@terra.com.br; Jeanne Marie C. Ribeiro, psicóloga, jeannemarie@uol.com.br; Franciele Almeida, psicóloga, franciele.almeida@gmail.com; Valéria Attié Lanna, psicóloga, attielanna@hotmail.com; Samantha Lemos, psicóloga, samantha.lemos@gmail.com; Gisela Schermann Rezende, psicóloga, gschermann74@hotmail.com; Flavia Guterres Oliveira, psicóloga, fguterres@yahoo.com.br; Barbara Pereira, psicóloga, barbarapp@bol.com.br; Claudia Macedo Gonçalves, psicóloga, clau.macedog@bol.com.br; Beatriz da Silva, psicóloga, beatrizsilvarj@gmail.com; Juliana Morená, psicóloga, julianammb@gmail.com; Gabriela Salomão Alves Pinho, psicóloga, gabisalomao@ig.com.br; Marina Sodré, psicóloga, marinasodre@yahoo.com.br; Aline Paixão,

psicóloga, alinepaixao2004@yahoo.com.br; Ana Paula Lessa Jenne, professora, anapaulajenne@yahoo.com.br; Viviane Pereira, psicóloga, vps.vivianepereira@gmail.com; Ozilea Clen Gomes Serafim, psicóloga, ozileaclen@yahoo.com.br.

A criança e as ficções jurídicas - SP

1. Nome do laboratório:

“A criança e as ficções jurídicas”

2. Local de trabalho do laboratório:

São Paulo: CLIN-a - Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade (Associado ao Instituto do Campo Freudiano de São Paulo).

3. Campo de Investigação:

A proposta deste laboratório é pesquisar e questionar os modos de incidência do discurso do Direito sobre a criança. Tomamos como “ficções jurídicas”, nesta linha de investigação, as medidas de proteção à criança, organizadas de maneira própria em cada país, inspiradas e regidas pela Convenção Internacional dos Direitos da Criança.

4. Percurso:

Em funcionamento desde fevereiro de 2004, este Laboratório dedicou-se a estudar, em uma perspectiva histórica, o deslocamento, na forma da lei, da criança no lugar de objeto a ser tutelado para a posição de “sujeito de direitos”, assim como a atuação possível e factual da lei, seus usos e também seus abusos.

Desde 2007, o foco principal do trabalho está voltado para a discussão de situações práticas trazidas da experiência institucional dos participantes do Laboratório, centrando-se na posição do profissional frente às demandas que lhe são colocadas em um dispositivo jurídico.

Durante o ano de 2010, a conversação do laboratório teve seu mote em torno do tema da adoção, muito estimulada pela sanção da Lei n. 12.010/09, que ficou conhecida como a “nova lei da adoção” e que causou grande inquietação nos diversos profissionais que operam com o discurso jurídico. O tema permanece instigando e motivando a conversação no laboratório, que se abre agora à investigação da norma familiar e do que lhe faz objeção: os “sem-família”; as crianças que restam.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

Nosso percurso inicial conduziu a um questionamento de como as ditas “ficções jurídicas” incidem sobre a inventiva, ou melhor, sobre a ficção própria a cada criança, quando isso se faz necessário, em razão do declínio da imago paterna.

O desdobramento das discussões, especialmente para a posição do profissional que atua no campo judiciário, colocou no cerne questões sobre a responsabilidade de cada sujeito (criança e adulto) no engendramento da dita “ficção jurídica”, sacudindo-se, assim, identificações ao Direito como um ideal regulador da vida contemporânea.

O questionamento das situações práticas propiciou o aparecimento de hiatos na lógica hegemônica, do Universal, que convida à judicialização da vida, do cidadão, obturando o sujeito.

Orientados pela conversação a respeito das práticas dos profissionais que participam do laboratório, a cada ano alguma norma, alguma “ficção jurídica” aparece de forma mais contundente, inquietando, fomentando questões, discussão, estudo, elaborações. Atualmente, nosso foco está sobre a dita “nova Lei de Adoção”, sua incidência, suas repercussões jurídicas, sociais e também particulares, em cada criança, em cada pretendente à adoção.

A conversação que ocorre no laboratório conta prioritariamente com psicólogos que atuam nas Varas de Infância e Juventude do Tribunal de Justiça e assistentes sociais, imersos no discurso

jurídico, por sua atuação profissional em instituição que recebe crianças e adolescentes sob a insígnia da proteção e garantia de direitos.

A perspectiva de trazer a esta conversação, de maneira mais sistemática, profissionais que tenham tido na disciplina do Direito seu aporte de formação, permanece. Avanços nesta direção se fazem, com a provocação de espaços de encontros pontuais com os magistrados, que nos instigam e nos relançam à conversação no laboratório.

6. Responsável:

Siglia Cruz de Sá Leão.

E-mail: siglialeao@yahoo.com.br

Telefone: (11) 2476-1655 - (11) 8389-8135

7. Participantes:

Cláudia Margarido Pacheco, psicóloga judiciária, cmargarido@uol.com.br; Gislene Nascimbene de Magalhães, psicóloga judiciária, gislenemag@gmail.com; Isabel Aparecida Martins Ferreira, assistente social, famisabel2027@ig.com.br; Ricardo Marcelo Fait Gorchacov, psicólogo, ricardomfg@gmail.com; Simone Trevisan de Góes, psicóloga judiciária, simone.trevisan@gmail.com.

Infância - SP

1. Nome do laboratório:

“Infância”

2. Local de trabalho do laboratório:

Clínica de Atendimento e Pesquisa em Psicanálise (CLIPP), São Paulo

3. Campo de investigação:

Trabalho teórico sobre uma infância contemporânea.

4. Percurso:

As discussões dos Laboratórios do CIEN-SP (2008-2009) nos conduziram para a dissolução do Laboratório em Formação, junto ao Movimento dos Sem Terra, inscrito em 2006. Constatou-se que um dos impasses da consolidação desse laboratório estava associado ao fato dos encontros serem restritos aos militantes. A dinâmica do MST reproduz um tipo de infância nômade tal como à dos filhos de “bóias frias”, típico da zona rural brasileira, e a dinâmica da vida de militância dos adultos implica uma participação efetiva das crianças – como defesa ou símbolo de futuro.

Tal dissolução se deu, ainda, na perspectiva de transformar a proposta teórica interdisciplinar sobre a noção de uma infância contemporânea associada não só à questão da militância política, mas sim em um projeto ampliado para outros segmentos da sociedade. Assim, reformulou-se a proposta, ampliando a participação de outros interessados, em uma perspectiva teórica: um estudo sobre uma noção de infância.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

Em 2009, formalizamos o início dos trabalhos com a adesão de outras duas psicanalistas da CLIPP, uma livreira, uma psicóloga de uma instituição de “crianças em processo de adoção”. No primeiro momento, debateram-se os princípios do CIEN, o dispositivo da Conversação e a perspectiva de construir um projeto de Laboratório.

Num segundo momento, após algumas reuniões, as questões passaram a girar em torno do entendimento do que é uma infância, a partir das experiências de cada um dos participantes. Ainda, está programado o estudo do Livro de Philippe Lacadée, *Le malentendu de l'enfan* (Paris, Payot, 2002), com encontros periódicos.

6. Responsável:

Maria Noemi de Araújo

E-mail: noemi.araujo@globo.com

Telefone: (11) 8122-2824 - (11) 3255-4415

7. Participantes:

Maria Cristina Merlin Felizola, CLIPP; Aparecida Yára Wandick Valione, CLIPP; Odete Machado, livreira; Mônica M. Gonçalves, psicóloga.

A disciplina dos corpos e as manifestações do higienismo na atualidade - SP

1. Nome do laboratório:

“A disciplina dos corpos e as manifestações do higienismo na atualidade”

2. Local de trabalho do laboratório:

Rua Ernest Marcus, 91 - Pacaembu - São Paulo

3. Campo de investigação:

Manifestações do higienismo advindas de vários campos de saber e de práticas voltadas à infância e adolescência.

4. Percurso:

Este laboratório constituiu-se em 2010, alinhado ao tema da II Manhã de Trabalho do CIEN-Brasil, *A disciplina dos corpos e suas respostas*, realizada em São Paulo em novembro do mesmo ano. Dedicou-se ao estudo teórico dos conceitos de corpo e sociedade disciplinar na obra de Foucault e à análise de fenômenos na atualidade que evidenciam uma “disciplina dos corpos” e novas formas de higienismo.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

Este trabalho inicial que resultou na elaboração de um texto, publicado no *Terre du CIEN* (n. 29 e 30, outubro de 2010) e *CIEN Digital 09*, foi concluído em novembro de 2010. Pretende-se retomar esta pesquisa no segundo semestre de 2011, visando elementos para uma reflexão acerca dos vários procedimentos que na atualidade, apoiados nos discursos da eficácia e cientificidade,

promovem um controle sobre a existência, a saúde, a educação, a família, os corpos. Consideramos que para compreender “as estratégias de controle da biopolítica moderna” há que se abrir um campo de investigação que leve em conta a articulação destas estratégias com o próprio funcionamento do Estado capitalista contemporâneo e as mais variadas produções de saber (Conforme proposto por Santiago, J. “O significante contábil do neo-higienismo”. In: *Opção Lacaniana*, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, n. 39, p. 3-8, maio 2004). Em outros termos, como os mecanismos de controle e poder encontram apoio, ou mesmo se traduzem, na produção advinda dos saberes especializados e amplamente difundidos.

6. Responsável:

A definir no segundo semestre de 2011 dentre os participantes abaixo.

7. Participantes:

Claudia Margarido Pacheco, psicóloga judiciária, cmargarido@uol.com.br; Heloisa Prado R. da Silva Telles, psicanalista, helotelles@uol.com.br; Leny Magalhães Merch, psicanalista, professora universitária, lenymrech@uol.com.br; lenymrech@usp.br; Maria Noemi Araújo, psicanalista, noemi.araujo@globo.com; Siglia Cruz de Sá Leão, psicóloga judiciária, siglialeao@yahoo.com.br; Valéria Ferranti, psicanalista, v.ferranti@uol.com.br.

Quanto tempo o tempo tem? - SP

1. Nome do laboratório:

“Quanto tempo o tempo tem?”

2. Local de trabalho do laboratório:

São Paulo

3. Campo de investigação:

Psicanálise e educação

4. Percurso:

Inicialmente, o tema que norteava a investigação deste laboratório estava diretamente ligado a questões relativas à inclusão. Após o percurso de dois anos (2007-2009), entendemos que a investigação inclinava-se para as questões do campo educacional de modo mais amplo e assim nos debruçamos no mal-estar na educação, seus pontos de estrangulamento e, de certo modo, falência.

A sexualidade e suas manifestações na escola e o modo “cientificista” de tentar dar uma resposta a esta questão animaram o percurso até final de 2010, quando outra questão se colocou: qual o projeto civilizatório para a criança hoje? O que faz uma criança, criança? Iniciamos esta investigação com Freud, seus dois pontos de vista sobre a educação em sua relação com o pulsional e o recalçamento, bem como de historiadores da educação, na tentativa de circunscrever historicamente esta questão.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

Os resultados, além do próprio percurso, são os trabalhos enviados para as Manhãs de Trabalho CIEN-Brasil (2008 e 2010) e os textos publicados no *CIEN-Digital*. O laboratório se mantém de modo bastante estável, ou seja, os participantes atuam ativamente e há poucas desistências, mas também poucas entradas. No momento, o maior impasse refere-se a como divulgar, de modo efetivo, a proposta e experiência do CIEN junto a outras áreas do conhecimento que tem a infância como objeto.

6. Responsável:

Valéria Ferranti

E-mail: v.ferranti@uol.com.br

Telefone: (11) 3812-1753 - (11) 9146-8602

7. Participantes:

Ana Paula dos Santos Rodrigues, pedagoga, psicopedagoga, ana_psr@yahoo.com.br; Gabriela Costardi, psicóloga, mestre em educação, doutoranda, gabicostardi@hotmail.com; Carla Fraga Ferreira, psicóloga. crfragaferreira@gmail.com; Maria Luiza Ricupero Anauete, coordenadora educacional, psicanalista, mluizaricupero@hotmail.com; Mônica Nobre, psicóloga, atua em um CPSi, monica_nobre@uol.com.br.

Uma educação líquida? - SP

1. Nome do laboratório:

“Uma Educação Líquida?”

2. Local de trabalho do laboratório:

Av. Pedroso de Moraes, 631/conjunto 31 - São Paulo

3. Campo de investigação:

Conexões entre Psicanálise e Educação

4. Percurso:

Trata-se de um laboratório criado há dois meses a pedido dos participantes do NUPPE - Núcleo de Estudos de Psicanálise e Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Ele aprofunda o trabalho realizado em um outro laboratório: “Os laços sociais nas instituições educativas”, encerrado recentemente.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

Todos aqueles que trabalham com diferentes tipos de instituições educativas têm constatado que a educação contemporânea vem passando por grandes transformações. O CIEN tem evidenciado este aspecto em vários de seus laboratórios e discussões. A pergunta que surgiu norteadora de nosso processo é que tipo mediação simbólica tem surgido nas instituições educativas. Será que ele é semelhante ou parecido com as mediações simbólicas que se faziam anteriormente. Ou, será

que eles trazem características novas a serem identificados a partir de um novo simbólico para o século XXI? Quais seus efeitos em relação à prática de professores e alunos?

Assim, visa-se rever a forma tradicional com a qual os professores trabalham em suas instituições educativas: universidades, ensino médio, cursos de música, educação à distância. Será que elas são as mesmas?

Partimos do estudo da periodização proposta por Jacques-Alain Miller em *Perspectivas do Seminário 23: O sintoma*. Visamos aprofundar estas discussões também estudando filósofos como Zygmunt Bauman, Alain Touraine e Foucault, para repensar esses processos.

6. Responsáveis:

Leny Magalhães Mrech

E-mail: lenymrech@uol.com.br - lenymrech@usp.br

Elisabete Cardieri

E-mail: betecard@uol.com.br

7. Participantes:

Alice Izique Bastos, professora universitária, aliceizique@terra.com.br; Elisabete Cardieri, professora universitária da UNESP de Botucatu, betecard@uol.com.br; Henrique lafelice, professor de música e professor, loguis@uol.com.br; Neide Esperidião, professora de música, Coordenadora do Curso de Música da FITO, doutoranda da Faculdade de Educação da USP, neide.esperidiao@gmail.com; Maria Giovanna Xavier, professora universitária e doutoranda da Faculdade de Educação da USP, mgmxavier42@gmail.com; Michele Ueno, professora universitária e doutoranda da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, micheleueno@usp.br; Thais de Barros, mestranda da ECA e especialista em coaching, thaishbarros@gmail.com; Tânia

Resende, diretora de escola e mestranda da Faculdade de Educação da USP,
taniamacr@hotmail.com.

Conversando com a Educação - PE

1. Nome do laboratório:

“Conversando com a Educação”

2. Local de trabalho do laboratório:

Sede da EBP- Seção Pernambuco (em formação)

Rua Sergio Magalhães, 66 - Graças - Recife

3. Campo de investigação:

O sintoma referido ao mal-estar na educação.

4. Percurso:

Esse laboratório iniciou seu trabalho em 2007 e desde então tem proposto a conversação entre psicanalistas, professores, fonoaudiólogos, pedagogos e psicólogos da rede pública e rede privada de ensino, sobre as questões que afetam a educação, revelados em sintomas referido ao mal-estar.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

Entendemos que esse espaço tem contribuído de maneira singular no que diz respeito à mobilização de uma reflexão na condução e na escuta dos impasses e perspectivas daqueles que participam das conversações.

6. Responsável:

Anamaria Vasconcelos

E-mail: vasconcelos.anamaria@gmail.com

7. Participantes:

Ana Maria Cabral, anam_cabral@yahoo.com.br; Fátima Lucas, mafalusi@oi.com.br; Patrícia Alves, alvespat@yahoo.com.br; Paula Uchoa, paula_uchoa@yahoo.com.br; Silvia Farias, silviargfa@gmail.com; Zoracy Guerra, zoracyguerra@bol.com.br.

Guarnicê - MA

1. Nome do laboratório:

“Guarnicê”

2. Local de trabalho do laboratório:

Delegação Geral - Maranhão

3. Campo de investigação:

Psicanálise e Arte

4. Percurso:

Oficinas em escolas; periferia da cidade; e instituições carentes.

O título desse laboratório em formação foi escolhido por significar a característica do povo que se alimenta, se fortalece e se constrói naquilo que sabe no que acredita. Assim, nos festivais ou nas toadas que falam dos encantos da ilha de São Luís, representa a força da solidariedade e as manifestações de um grupo – Guarnicê é um convite à construção coletiva; nesse labirinto onde cada um parte do singular.

Essa proposta de constituir um laboratório (ef.) do CIEN (que ora se encontra em fase de implementação; com encontros mensais que se iniciaram em março/10) surgiu a partir de palestra de Rosário Collier do Rego Barros, realizada em São Luís, acerca do infantil, que muito despertou o interesse de vários participantes para que houvesse a reativação do CIEN na DG/MA (que esteve em funcionamento em 1998). Primeiramente vamos nos debruçar nas leituras e estudos sobre o

que é o CIEN nos tempos atuais. Em um segundo momento, vamos abordar questões sobre o discurso analítico e como este opera junto ao sujeito infantil numa perspectiva interdisciplinar; também apostando que a arte possa estar aí inserida como algo que se dirige ao ato e responsabilidade da criança e da família nos dias atuais como dispositivo de intervenção e inclusão.

5. Resultados, impasses, perspectivas:

Serão empreendidos esforços para viabilizar este trabalho, dando visibilidade ao CIEN; inclusive com proposta de criação de um blog.

6. Responsável:

Thaís Machado Moraes Correia, psicanalista/Aderente da EBP

Av. Colares Moreira, 444/sala 441-b - Renascença II - CEP 65075-760 - São Luís - Maranhão

E-mail: thais@elo.com.br

7. Participantes:

Anícia Ewerton, Economia, aniciaewerton@superig.com.br; Carmen Damous: Administração de Empresas, carmendamous@oi.com.br; Maria de Lourdes de Abreu Ferreira Maia, Pedagogia, loua_mai@yahoo.com.br; Thaís Moraes Correia, thais@elo.com.br.

Normas para inscrição de Laboratórios no CIEN-Brasil

Esquema de apresentação dos Laboratórios: O Laboratório já pode ter sido declarado ou mesmo ser candidato à inscrição de Laboratório e, ainda, pode figurar como Laboratório em formação.

Solicitamos a gentileza de fornecer-nos, em ordem, as seguintes informações:

1. Local de trabalho do laboratório
2. Nome do laboratório
3. Campo de investigação
4. Percurso
5. Resultados, impasses, perspectivas
6. Nome do responsável e endereço de contato (endereço postal, e-mail e telefone)
7. Nome dos participantes, disciplinas e e-mail.

Indicações quanto às normas para envio:

Caracteres: Times New Roman - tamanho 12.

Máximo de caracteres: 2000

Comissão de Coordenação e Orientação do CIEN-Brasil:

Cristiana Pittella de Mattos

cristianapittella@yahoo.com.br

Heloísa Prado Rodrigues da Silva Telles

helotelles@uol.com.br

Maria do Rosário Collier do Rego Barros

mrcollier@terra.com.br

Teresa Pavone

tpavone@terra.com.br

Equipe Anuário CIEN-Brasil 2011/2012:

Coordenação e Edição: Cristiana Pittella de Mattos e Heloísa Prado Rodrigues da Silva Telles.

Apoio: IPSMMG - Instituto de Psicanálise e Saúde mental de Minas Gerais.